

Religiosidade por meio da Memória das Mulheres Quilombolas da Comunidade da Onça.

Ao falarmos de memória do ser mulheres quilombolas é necessário levarmos em consideração o contexto atual e o que são comunidades negras, ou seja, comunidades quilombolas. Na história, o quilombo, em eras coloniais e imperiais, foram espaços construídos pelos escravos negros africanos e afrodescendentes fugidos da escravidão em busca de viver em liberdade. Na atualidade, o projeto de lei 1942/22 estipula regras para regularização de território quilombola, sendo reconhecida a posse definitiva da terra aos remanescentes das comunidades dos quilombos.

Para Nascimento, quilombo é um movimento amplo e contínuo, tendo como características importantes dimensões como, as vivências dos africanos que não se submetiam a toda forma de exploração e à violência do sistema colonial; as formas associativas de criar novos espaços; a organização socioeconômica e política adequada à sua realidade e a sustentação da continuidade africana por meio dos grupos genuínos de resistência.

Essas reflexões são importantes para nos direcionar sobre as contribuições das mulheres negras nas comunidades quilombolas, como liderança religiosa por trazerem experiências de seus antepassados que permanecem vivos diariamente por meio de práticas. É este um dos motivos que os terreiros de religiões de matrizes africanas são reconhecidos como patrimônios público.

Portanto mostraremos essa representatividade feminina na religiosidade através do documentário que será gravado no quilombo onça que fica na zona rural de Santa Inês, valorizando a tradição oral que é uma forma de manter viva a memória coletiva. Deste modo será de grande relevância para a comunidade o registro da participação da mulher negra e o respeito as suas religiosidades.